

Relações de gênero e violências na escola:

da compreensão à superação

Maria Eulina P. de Carvalho

Como citar: CARVALHO, M. E. P. D. Relações de gênero e violências na escola: da compreensão à superação. *In*: BRABO, T. S. A. M. (org.). **Mulheres, gênero e violência.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p.225-246. DOI: <https://doi.org/10.36311/2015.978-85-7983-636-7.p225-246>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

CAPÍTULO 11

RELAÇÕES DE GÊNERO E VIOLÊNCIAS NA ESCOLA: DA COMPREENSÃO À SUPERAÇÃO

Maria Eulina P. de Carvalho

Relações de gênero e violências são construções socioculturais e educacionais que têm lugar também na escola, uma instituição encarregada do desenvolvimento humano, individual e social, de ensinar a conviver e de formar para a cidadania.

Todavia, observam-se lacunas no conhecimento e na ação educacional no que diz respeito à relação entre reprodução das relações de gênero e reprodução da violência nas relações sociais e escolares, em especial. Considerando que as violências ocorrem na escola, a compreensão da relação entre reprodução das relações de gênero e reprodução da violência é requisito para a intervenção pedagógica na perspectiva da prevenção, lembrando-se que a educação tem esse caráter preventivo.

Nesse contexto, a relação entre violência escolar e gênero requer atenção das políticas e práticas curriculares visando à construção de uma cultura de paz, justiça, convivência fraterna e equidade de gênero; e, especificamente, ao aprendizado de formas de masculinidade não-violenta.

Para isso, é fundamental a transversalização de perspectiva de gênero, com base na crítica feminista, bem como a promoção de valores

denominados femininos: gentileza, delicadeza, cuidado, solidariedade e compaixão nas relações interpessoais, particularmente, escolares.

Para ilustrar a complexidade da questão da violência na escola, veja-se o caso seguinte. Recentemente, em 25/03/2013, tivemos a notícia de que *alunos* quebraram o quadro de luz da escola, provocando um apagão, e jogaram uma lixeira que acertou o olho de uma *professora* numa escola estadual na cidade de Franco da Rocha na Grande São Paulo. Dessa vez, os autores da violência foram alunos, como tem sido corriqueiro, mas a vítima foi uma professora. (ALUNOS..., 2013).

Informou-se que a Secretaria de Estado da Educação ficou de apurar os fatos e punir os envolvidos, que a Delegacia de Ensino abriu um procedimento disciplinar e que o colégio convocaria o conselho de escola, formado por professores, alunos, pais e funcionários para tomar providências – suspensão ou transferência compulsória.

O diretor regional de ensino chamou atenção para a importância do acompanhamento familiar como forma de prevenção desse tipo de ocorrência.

Afinal, o que pode a família fazer para prevenir as violências na escola? Mais importante: e à escola o que cabe e é viável fazer?

Uma rápida análise dos 757 comentários disponíveis on-line, na ocasião, aponta que:

- Muitos internautas, a maioria do sexo masculino, defendem punições duras para os jovens e redução da maioridade penal, inclusive punição para os pais. Atacam os políticos, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e órgãos judiciais, bem como os defensores dos direitos humanos, que não se manifestam a favor de professores/as vítimas de violência na escola.
- Alguns criticam a cultura brasileira – a impunidade, a ética da busca de vantagens (a “lei do Gerson”), a desvalorização da educação – e a degradação moral do país. Apontam a indisciplina na escola, a falta de autoridade docente e a falta de valores e de limites na família, inclusive a erradicação da punição corporal. Alguns comparam o Brasil com países como a China, Japão, Cingapura, Estados Unidos, Suécia,

Noruega e Dinamarca. Outros ainda declaram sentir saudades da ditadura militar.

- Há quem proponha (os homens) que se faça justiça com as próprias mãos.
- As culpas recaem sobre a política educacional e/ou (mais ainda) sobre a família “falida”: omissão das autoridades educacionais e dos “pais” na educação doméstica (falta de formação moral). Defendem controle da natalidade para que não nasçam “filhos de chocadeira”; atacam mais as mães solteiras do que lembram o abandono ou omissão paterna.
- Muitos, ainda, destacam as más condições de trabalho docente e lembram a desvalorização e desrespeito aos/às professores/as, que se encontram amedrontados. Alguém ironizou: “Culpa do professor que não educa o menor, uma vítima de uma situação social desfavorável”.
- Alguns sugerem que se adotem câmeras de vídeo na escola para inibir e também identificar infratores. Também recomendam processos judiciais e penas contra os estudantes e os pais.
- Não se enfoca a cultura, o currículo e a pedagogia escolar: a violência vem de fora, os professores/as são vítimas ou heróis/heroínas por suportarem as difíceis condições de trabalho.

VIOLÊNCIA NA ESCOLA: OS DISCURSOS CORRENTES

A seguir apresenta-se uma síntese-bricolagem desses discursos e posicionamentos nos termos em que foram emitidos. Espera-se que a sua leitura provoque reflexões e análises.

Pode-se observar que as manifestações vão da crítica à nossa cultura ética e legal (benevolência, impunidade), à família e aos pais/mães (falta de educação doméstica), à falta de valorização do/a professor/a e perda de autoridade docente, passando pelas relações família-escola e, finalmente, sugerindo medidas para prevenir e punir esse tipo de violência escolar, evidenciando-se elitismo/preconceito de classe e machismo em alguns discursos masculinos. O negrito foi acrescentado para destacar esses pontos. O sexo do internauta (H ou M) é registrado após cada fala, ou marcado como ignorado (I).

Nosso problema é cultural. (H) Tudo isso acontece porque é um país onde reina a impunidade. (H) No Brasil ainda se confunde **ordem** com **autoritarismo**. (H)

Uma cena dessa era de se imaginar 30 anos atrás? O que mudou? Enquanto a sociedade brasileira, equivocadamente, continuar a **confundir respeito e educação com repressão e ditadura**, vamos assistir nossa sociedade se afundar em um espiral de violência sem limite. (H)

Tudo isso que está acontecendo é consequência da **retirada da autoridade de pais e professores**. Os “pobrezinhos” dos jovens têm total imunidade e proteção. Dá nisso. Votou na esquerda? Agora aguenta... **Autoridade e disciplina é coisa de ‘reacionário de direita’**. (H)

Isso é o resultado de gerações sendo criadas ao ritmo das novelas, do baile funk, do carnaval, do futebol, da malandragem, do jeitinho. **Isso é a população brasileira:** uma população sem caráter, sem cultura, sem respeito. Uma população que só pensa em se dar bem, que só pensa na própria pessoa. Uma população que escuta música alta em lugares públicos, que joga lixo na rua, que empurra idosos ao entrar em transporte público, que se mata por times de futebol. Essa é a população do país em que vocês vivem, não sei o motivo do espanto. A tendência é piorar. Muito. (H)

O dia que esse país compreender que um bombeiro, um médico ou um professor são mais importantes que um jogador de futebol... somente esse dia teremos chances de seguir em frente como nação. (M)

Na escola se busca conhecimento, **educação vem de casa**. Para os professores deve ser um inferno, pois **o povinho brasileiro é um dos mais mal-educados do mundo**. (H)

Fico chocada com tamanho **descaso que o professor sofre**. A profissão que deveria ser a mais reconhecida, é a menos respeitada! O país vai pra onde assim? (M)

Um país onde os professores apanham dos alunos, jamais será um país desenvolvido. Maus exemplos, temos de monte, como políticos em geral, roubalheira escancarada, falta de respeito pelo próximo, falta de ética, enfim, um país em plena escala de degradação moral. Triste. (H)

Aí está o resultado de décadas de sucateamento do ensino público no Brasil e das consequências de uma **lei banana que não pune ninguém**, pelo contrário incentiva a praticar mais e mais crime. (H)

Menor nesse país pode fazer tudo. (H) Um infrator tem todos os direitos assegurados, mas se for um cidadão de bem, trabalhador, esse é punido pelas leis que não funcionam. (H)

Parabéns idealizadores do **ECA**, isso só tem servido para criar criminosos juvenis, porque graças a vocês, eles não podem ser punidos. (H)

A tal da lei que protege o menor está criando uma cambada de bandidos, porque não há punição alguma e excessiva proteção. Se fosse a professora que tivesse agredido o aluno, teríamos a maior a gritaria do povo dos **direitos humanos**. (H)

Em vez, de inspetora na sala de aula tem que colocar a policia. (H)

Para a lei brasileira menor de idade é tudo inocente... **a maioria penal deveria ser reduzida** para 14 anos. (H) Menores têm que responder pelos seus atos. Mudança no código penal já! (H)

É assim que nosso país fica cada vez pior, não se tomam medidas severas para coibir esse tipo de ação de futuros marginais, vai se resolvendo pelo esquecimento e panos quentes por serem filhinhos e pobres coitados, e amanhã se tornarão marginais sem limites ... monstros criados pela **benvolência de leis, feitas por homens frouxos** e sem princípios. (H)

A pior coisa que inventaram no Brasil foi o tal de **Conselho Tutelar**, pois eles passam para os alunos todos os seus direitos, nunca falam de seus deveres, ai eles usam isso contra o professor(a) e os pais que morrem de medo do Conselho Tutelar e não fazem seu papel de educadores, acham que o conselho vai puni-los etc, e não agem como pais como no passado, quando os filhos tinham de respeitar os pais. É bem verdade que alguns pais exageravam, mas não pode por todos no mesmo balaio. Tem que se fazer uma lei para punir pais agressivos, mas **também tem que se fazer leis para punir severamente esses tipos de alunos e pais que se eximem de educar seus filhos**. (M)

Culpa é do ECA que protege esses marginais e dos pais que colocam esses monstros no mundo e não educam. (M) Pelo fim do ECA como está! (H)

A lei protege o filho que precisa de uma boa **surra**, e condena os pais se tentarem educar o filho como precisa. (H)

Melhor levar hoje umas boas **chineladas** dos tempos das vovós, do que apanhar dos policiais amanhã! (M)

A educação está chegando ao fundo do poço! É preciso punir os responsáveis e adotar uma política de **controle de natalidade**, para que pessoas que não têm como criar um filho não acabem tendo cinco ou mais. Depois dá nisso! Têm um monte de filho, não têm tempo por diferentes razões para acompanhar e educar, acabam no fim das contas criando projeto de marginais, que nada temem ou respeitam. (H)

Inversão de valores, resultado de **família falida**, pois moral, educação, respeito vêm dos pais. (M)

A **mãe** é uma vaca parideira, o **pai** ninguém sabe (I)

Pais omissos, verdadeiros fracassados, dá nisso... (H)

Esses filhos de trepadeiras, sem pai nem mãe... O que fazer com esses projetos de marginais? (I)

As **mães**, que se renderam à forma de se lidar com os filhos praticada nos tempos atuais, são verdadeiras fábricas de marginais... (H)

Desculpem mas Educação vem de casa... se as famílias se degradaram, e a **falta de religião** não é preocupação dos pais, as crianças e adolescentes tornam-se marginais como estes alunos. **Coitados dos professores** neste país... (H)

Meu Deus, como os **valores mudaram**, os jovens não respeitam mais ninguém, os **pais** esperam que a escola eduque seus filhos, pais que não dão limites aos filhos e os largam a Deus dar, essa a nossa realidade atual. Hoje, os pais não podem dar uma palmada ou castigo aos filhos porque o governo intervém, às vezes até prendendo esses pais. É revoltante, **um educador ganhando uma miséria ter de submeter-se a agressões e falta de respeito.** (M)

Na minha época era a lei da palmatória e castigo severo, os professores eram respeitados pelos alunos... Hoje em dia é essa bagunça total. Além de um salário de miséria os professores estão expostos a agressões! Que mundo é esse? (M)

É uma pena que o **respeito** não exista mais nem pelos pais... como podem ter respeito por quem não é da família? Os valores estão totalmente mudados. (M)

É um absurdo o que aconteceu, infelizmente **os valores mudaram, antes os professores conseguiam manter a disciplina em uma sala de aula, hoje os alunos que mandam, e ainda por cima se o professor tentar corrigi-los correrá o risco de ser processado.** (M)

Nossa educação piorou muito! Antigamente, mesmo nas escolas públicas, os professores eram respeitados. (H) São as escolas caindo aos pedaços, os professores tendo que lidar com bandidos e ainda receber uma miséria pelas aulas. (H) Professor merece estátua na rua e salário digno. (H)

Essa professora é a cara dos nossos professores deste país sem dono. Ela pertence a uma classe desprezada e abandonada pelos nossos dirigentes e pela presidente. Professores, se unam e parem este país! Façam greve não só por melhores salários, mas também por melhores condições de ensino. Peçam **punição para os pais e/ou responsáveis pelos alunos que não querem estudar!** (H)

Avalio isso como consequência da **degradação e falta de valores familiares**. (H)

O problema não são os filhos... e sim os pais. Os pais não estão sabendo ser pais! (H)

Na minha época de estudante ... ai do sujeito que fizesse isso com uma professora! **A culpa maior é dos pais que deixam a responsabilidade de educar seus filhos pra escola**, sendo que a função da escola é ensinar seus filhos e ler e escrever. Quem ensina pra vida, são os pais! (H)

É por esses motivos que sou assíduo defensor de que a correção com diálogo e também com “palmadas” não faz mal a criança nenhuma. **Aposto que esse vândalo, delinquente e futuro bandido nunca apANHOU em casa, não teve educação e deve ter sido apoiado em tudo de ruim que fazia.** Não estou defendendo espancamento, mas bater corretivamente nunca fez e nunca fará mal a ninguém. (H)

Enquanto o pessoal sair por ai fazendo filhos sem se preocupar em criar estes filhos dentro da honestidade, da moralidade e da boa conduta, é isto para pior que vamos ver. **A verdadeira educação começa em casa.** É no seio da família que se molda o caráter do cidadão. A escola só complementa, dando-lhe conhecimento. (M)

A família tem o papel de acompanhar o desempenho dos alunos? Infelizmente a maioria desses jovens costuma nem ter uma família estruturada... ou quando tem, não recebem o mínimo de educação, re-produzindo muitas vezes a violência e o horror que presenciam dentro de casa. (M)

Eu acredito que esse caso relatado seja apenas um entre os inúmeros que acontecem pelo Brasil. Não adianta cobrarmos educação melhor nas escolas, se mandamos mini marginais pra serem alfabetizados. (...) O que se vê de crianças mimadas e mal-educadas indo pras salas de aula, chega a dar pena do professor. Os valores familiares se degradaram, **hoje as crianças sabem de todos os seus direitos garantidos pelo ECA, em contrapartida ignoram os deveres, coisa que seus pais deviam ter lhes ensinado** (I).

Quando vamos falar dos deveres dos jovens e não apenas de seus direitos? Estamos criando verdadeiros monstros, não podemos permitir isso. **Precisamos mudar nosso sistema educacional, jovens como esses devem ser afastados de escolas regulares e colocados em internatos e passarem por um processo de reeducação social.** Vamos educar nossos filhos, vamos transformá-los em pessoas de bem e sem esse papo de meu filho não vai passar o que passei. Será que as dificuldades que passamos na vida não nos fortaleceram como seres

humanos? Pensemos bem. Obrigado professora, e muita força nesse momento difícil. (H)

Sempre digo aos alunos que **educação se traz de casa** ou nunca vai ter. Escola foi feita para ensinar matérias e lógico que a gente tenta colaborar um pouco na educação, mas o papel do professor é passar matéria e tentar transformar, junto com os pais que educam seus filhos, num cidadão. (M)

A educação tem que começar dentro de casa. **A família é a responsável pela formação do caráter.** A educação do “saber”, do aprender a ler e a escrever é da escola. A desestruturação da família infelizmente é realidade muito marcante nesse país. E hoje pais delegam para a escola o ensino do caráter... simplesmente cruzam os braços e passam a mão na cabeça dos filhos, quando estes fazem coisas erradas. Isso tem que mudar, senão bandidos viverão livres e pessoas de bem presas dentro de suas casas. (M)

Sou professor na rede estadual em São Paulo e sei que fatos como esse, infelizmente, acontecem com frequência nas escolas. O processo educacional começa (ou deveria) na seio familiar. Há uma total inversão de valores. Pais omissos, coniventes, ausentes etc. **Não há respeito pelos pais, que dirá por professores.** Digo isso com propriedade. Convivo com isso, faz parte do meu dia-a-dia. (H)

Sou professora e deixei minha profissão por conta de ameaças sofridas. Dei aulas para o Estado (Escolas Estaduais - SP) e sei bem o que é passar por esta **violência que, primeiro é verbal e psíquica, depois se transforma em violência física.** No meu entendimento, o maior fator para isso tudo é a **degradação da família**, a falta de responsabilidade de pais na orientação de seus filhos e a **ausência de políticas sérias no Estado** com a finalidade de solucionar esta questão. Enquanto eu puder me manter em outra área de trabalho, não volto para a sala de aula. (M)

O ensino nesse país subdesenvolvido está a um passo de ter um colapso! Professores ganhando péssimos salários, alunos pouco interessados, e muitos marginais nas salas de aula. Isso em todos os níveis, inclusive no ensino superior. **Se meu filho pensasse em fazer algum curso superior para se tornar professor eu iria contra...** Se eu fosse professor, eu largaria as salas de aula e faria qualquer outra atividade na vida, garanto que seria mais bem remunerado e, principalmente, respeitado. (I)

Tenho uma irmã que é professora da rede pública e já perdi o número de vezes que ela repreende algum aluno em sala de aula e depois é chamada pela diretoria porque os pais foram na escola reclamar dela... dando razão para os filhos... daí estamos onde estamos. (H)

Fui professor por oito anos e desisti da profissão unicamente porque o Governo é responsável por dar respaldo a marginais como esses. O professor tem que se submeter a altas cargas horárias para ter um salário razoável. É ofendido, agredido diariamente. Sofre pressão da administração escolar, de pais de alunos, dos próprios alunos... Sinto pela profissional agredida. É uma luta injusta para nós professores... (H)

Imagina se fosse o contrário! A revolta dos pais, da comunidade, da mídia... mas como é um professor, amanhã provavelmente ninguém lembrará mais. E depois falam que falta professor nas escolas, e vai faltar ainda mais. Quem trabalha em escola sabe o sufoco que é pra achar um professor eventual, e quando acha tem que torcer pra ele não desistir na primeira semana. Ou mudam o sistema ou em 20 anos não vai haver professor pra essa geração que está surgindo agora. (H)

Sou professora há mais de 20 anos e muitos alunos passaram por mim e estão no mercado de trabalho ou faculdades mesmo enfrentando as dificuldades do ensino público. Dói ver o que acontece com essa colega. Eu tive a felicidade de lidar com uma clientela tranquila, mas sei de casos em que os professores são ameaçados com armas ou espancados como vimos. A culpa disso vem da **desvalorização que o profissional da educação sofre**. Os pais dizem que não aguentam os filhos e querem que a escola e professores forneçam a **educação doméstica** que deveriam trazer de casa. (M)

Sou do tempo que havia **respeito para com os professores**, a gente se levantava quando uma professora ou diretor entrava na sala de aula. Meus pais mal sabiam ler, mas ensinavam seus filhos a respeitarem seus professores. Infelizmente o que se vê hoje são alunos mal educados e, o pior, pais que apoiam filhos que fazem essa barbaridade, futuros marginais. (M) Hoje **professores viraram saco de pancadas** de alunos marginais. (M)

Eu respeitava meus professores como se fossem meus pais. Essa era a ordem de meu pai. Hoje toda a sociedade é permissiva. Os valores se inverteram, não se pode aplicar uma medida educativa mais enérgica nos filhos que a sociedade toda desaprova e crucifica o educador (pai e mãe). Nossas leis são ineficientes, nossas autoridades ineficazes, nosso país uma balbúrdia. Nós plantamos isso. Vejam, o aluno fere gravemente uma professora e um conselho é formado para ver se expulsa ou não o meliante! Na minha época já estava expulso! (H)

Dos professores foi tirada a autoridade na medida que **lhes foi empurrada toda a responsabilidade**: responsabilidade de criar, educar, administrar conflitos, resgatar a cidadania, citando apenas algumas. (H)

Agressões aos professores ocorrem diariamente. A família está ausente e não sabe o que fazer com os filhos, que comemoram quando são suspensos. O governador Alckimin qualifica mal e remunera mal os funcionários. **Não há uma política séria que realmente queira solucionar os problemas.** (M)

‘Pode ocorrer uma **suspensão** ao aluno ou até mesmo uma **transferência compulsória**? Só isso? Olha como ficou o rosto da professora... Os alunos podem arremessar objetos e bater nos professores e somente uma transferência ou suspensão é feita? Até quando essa cena vai se repetir com os profissionais das escolas do nosso país? Os alunos que agredem os professores deveriam ser **punidos com prestação de serviços à comunidade, lavar os banheiros da escola** e outros. (M)

Isso que dá não colocar freio nessa molecada, alunos desse tipo deveriam ter **unidades especiais de ensino**, tipo colégio militar ou Febem mesmo, não podem frequentar escola normal! (H)

Não concordo como “transferência compulsória”. Isso é **crime contra o patrimônio e agressão física contra esta professora e os demais alunos**. Cadê as providências da polícia militar? (H)

Os pais deveriam ser punidos e multados, porque no Brasil, só conversa quando mexe no bolso. **A professora deveria pedir uma indenização ao estado**, porque ele é responsável pela saúde e segurança do cidadão! (H)

A professora deve **processar os agressores**. É o que acontece em qualquer país desenvolvido... Os agressores pagam pelo tratamento do início ao fim e ela pede a indenização que for de direito. (H)

Espero que os responsáveis sejam expulsos e os pais respondam judicialmente pelos atos dos filhos. (H)

É o ECA. É o ECA. É o ECA... (H) Excesso de Democracia e Direitos Humanos.. dá nisso. (I) Cadeia pra eles. (H)

Suspensão? Um elemento desses tem que ir direto pra **cadeia!** (H)

Suspensão? Só isso? Isso é piada! Pra mim esses delinquentes que cometeram esse crime contra essa professora deveriam ir direto pra FEBEM e o pai e a mãe deles pra cadeia... **Isso devia ser tratado como crime.** (H)

Suspensão ou transferência compulsória? Isto é lesão corporal! Isto é caso pra ser resolvido na delegacia. (H)

É inacreditável: a delegacia de ensino diz que abriu ‘procedimento disciplinar’! Isto é **crime previsto no código penal brasileiro: lesão corporal grave! Tanto os pais quanto os agressores deveriam de ser criminalmente responsabilizados**: no mínimo, prender os agressores

(pelo crime em si) e obrigar os pais (pela omissão em si de não saberem educar ou conter as feras que criam) a pagar indenização por dano moral. (H)

Aluno? Isso é um delinquente, e deveria estar em uma **casa de correção pra menores...** agrediu desse jeito e falam em suspensão? (M)

Não pode ser considerado como estudante. São marginais disfarçados de estudantes e protegidos pelo Estatuto da Criança e Adolescente. **Expulsão** neles. (H)

Suspensão (dos direitos de ir e vir, isto sim), transferência (para uma cadeia). O que faz os jovens tomarem esta atitude é exatamente a impunidade pela qual são protegidos... Maioridade criminal pelo menos aos 16 anos e com agravantes...lembrando que um professor é um funcionário público no exercício de suas funções... Fico imaginando se tal fato fosse contra um Juiz quais consequências teríamos... (H)

Mais um atentado à Educação do Brasil e ninguém faz nada. **Transferência compulsória,** isso é uma piada, vão fazer pior na próxima escola. **Se continuar assim ninguém vai querer ser professor nesse país,** então em pouco tempo não teremos mais médicos, advogados, engenheiros, etc... só políticos aos montes, pois esses não precisam de escola. (I).

Muitos professores já estão pedindo exoneração do cargo, acorda Brasil! **Valorize o professor. Ele está em extinção!** (M) Ninguém mais quer dar aula pra bandidos que fazem o que fazem e não tem punição! (H)

Há que se prestar atenção, também, de que o fato se deu no **ensino noturno,** o que demanda dizer que não se trata de indisciplina de adolescência, mas de vandalismo de marginais, são adultos que provocaram esse estrago. Eu ainda milito na educação porque amo e sou um caso perdido, mas se me pedem opinião quanto a seguir carreira, digo: **fuja enquanto é tempo...** (M)

Se este governo fosse realmente sério, não haveria **professores mediadores** que fazem cursos rápidos para tentar solucionar **problemas de desrespeito e indisciplina** e sim **psicólogos e agentes sociais** que acompanhassem verdadeiramente os alunos advindos de uma família desestruturada e de uma sociedade que não valoriza o profissional da educação que tem que passar por provinhas para receber um aumento de 5%. (M)

Se estivéssemos em um país com autoridades decentes e interessadas na verdadeira educação, seria obrigatório o uso de **câmeras filmando e gravando (imagem e som) nas salas de aulas e corredores das escolas.** Assim, muita coisa seria evitada e as ocorrências poderiam ser apuradas, com as devidas responsabilidades. (H)

Daqui a pouco **capacetes** e **câmeras** farão parte do kit escolar... Um tempo atrás falaram em **meditação** nas escolas... Quem terá coragem de fechar os olhos para meditar melhor? (H)

Os alunos vêem suspensão como um prêmio. Tinham era que ser obrigados a **prestar serviços comunitários na comunidade escolar**: ajudar na biblioteca, lavar banheiro, varrer a quadra, ajudar a carregar o equipamento de educação física, rastelar os jardins da escola... esse tipo de coisa. Mas o **ECA** não deixa. (H)

Acho que o Estado deveria abrir **escolas especializadas em 'alunos problema'** com acompanhamento psicológico, seguranças e muitas atividades educativas que estimulem essas crianças e adolescentes. Antigamente se resolvia o problema com expulsão, hoje se transfere o problema sem resolvê-lo. Impedir o estudo é pior, então deveria haver um lugar para esse tipo de aluno senão a tendência é só piorar. (M)

Têm que ser expulsos da escola, **amarrar no tronco** três dias sem comer e beber, depois dá um copo de pimenta batido com vinagre para ele tomar, põe ele para carpir 100 quintais, só depois dá um prato de comida azeda, depois põe ele pra **lavar os banheiros da escola**, e condena ele a limpar a casa da professora um mês, entrando as 5hs da manhã e saindo as 23hs, talvez assim ele aprende a ser gente. (M)

As providencias da Secretaria de Educação possuem pouco ou nenhum peso exemplar, e não impedem o **registro da ocorrência na delegacia de polícia**. Ou vão esperar que esses boys esfaqueiem professores para fazer um B.O.? Levem esses aprendizes de criminosos para conversar com os juízes. (H)

Delegacia de Policia ... Funcionário Público no exercício de sua função ... **processa eles** ... se são menores **processa os pais** que não deram educação! (H) **Processe o estado como também os pais** desses bandidos... (H)

Sinceramente se eu fosse professora e de escola pública faria **várias artes marciais de defesa** principalmente! Professores de algumas escolas públicas quando saem de casa “vão para a guerra”. (M)

Por isso que eu **como professora pratico artes marciais**. Saber que possuo faixas dá um medinho nos moleques, mesmo assim ainda é perigoso. (M)

O governo está preocupado com kit gay para defender os homossexuais... Tá na hora de fazer **kit professor**. (H)

Professoras não têm maridos, nem filhos? Um sujeito fizer isso em um membro da minha família, é o último ato dele. (H)

Se essa professora fosse minha mãe, eu ia deixar esses marginais de cadeira de rodas pelo resto da vida, mas **eu ia arrebentar mesmo**. (H)

Essa senhora tem filhos? **Se eu fosse filho dela, eu massacraria os agressores**. (H)

Esta senhora não tem homem na família para dar um corretivo nestes meliantes? ... Se sou **marido** desta senhora este moleque estava dormindo no colo do capeta. (H)

A justiça legal não funciona nesses casos, sou a favor de **justiceiros informais**. (H)

Críticas pedagógicas não renderam no debate:

O que adianta punir, se o erro está na metodologia de ensino? Não que eu seja contra a punição a esses irracionais que agrediram a professora. Mas se essa metodologia de ensino não mudar, vão surgir novos agressores a cada dia! (H). (ALUNOS..., 2013).

Porém não se observa qualquer traço de consciência crítica das relações de gênero como relações de dominação e violência masculina, nem do papel da educação e da escola na prevenção da violência e na construção de uma cultura não-violenta.

GÊNERO, VIOLÊNCIA E SOFRIMENTO HUMANO

Existem muitos problemas e sofrimentos causados pelas relações de gênero, a exemplo da violência, o pior de todos esses problemas.

Gênero é o conceito central da teorização feminista e é empregado em vários campos do conhecimento, porém ainda é pouco conhecido e compreendido entre nós, sobretudo no campo educacional. Refere-se à construção social, histórica, cultural e educacional de noções de masculinidade e feminilidade opostas, dicotômicas (forte X frágil, ativo X passivo, corajoso X medroso, racional X emocional) e hierárquicas, sendo o polo masculino superior. Assim, relações de gênero são relações de poder, de dominação masculina.

Com base em Pierre Bourdieu (1999), pode-se definir gênero como:

- uma estrutura de dominação simbólica androcêntrica, isto é, centrada em normas e valores masculinos;
- um habitus, isto é, uma estrutura psicossomática, dominante ou dominado;
- um princípio de di-visão, segundo o qual a ordem social se divide em campos distintos, masculino/feminino, as identidades sociais se constituem como pares opostos e dicotômicos, e os sujeitos aprendem a ver tais divisões como naturais e a se construírem e posicionarem em conformidade com elas.

Segundo, Bourdieu (1999), o habitus de gênero explica a reprodução das desigualdades de gênero na vida individual e social: é fruto de um trabalho pedagógico contínuo de transformação dos corpos e das mentes, através do qual as relações de dominação são somatizadas e naturalizadas numa relação de causalidade circular entre as estruturas objetivas do espaço social e as disposições psicossomáticas produzidas nos sujeitos (atividade/agressividade/comando ou passividade/docilidade/submissão).

O conceito de habitus é interessante por se referir a uma estrutura psicossomática. O habitus é formado, aprendido: na família e na escola “a educação primária [...] favorece mais nos meninos as diferentes formas da libido dominandi” (BOURDIEU, 1999, p.71); já as meninas são reprimidas, excluídas do jogo do poder e educadas para entrarem nele “por procuração, isto é, em uma posição ao mesmo tempo exterior e subordinada”, aprendendo a ser sensíveis, empáticas, cuidadoras e impotentes (BOURDIEU, 1999, p.77,97).

Assim, o habitus dominante ou dominado construção social naturalizada, “relação social somatizada”, “lei social incorporada”, é “produto de um trabalho social de nominação e inculcação” (BOURDIEU, 1999, p. 63-64). Expressa-se “sob forma de esquemas de percepção e de disposições (a admirar, respeitar, amar etc.)”, que impõem os usos legítimos do corpo, tornando-o “sensível a certas manifestações simbólicas do poder”. Consequentemente, é vivenciado “dentro da lógica do sentimento ... ou do dever”. Portanto, é duradouro e pode “sobreviver durante muito tempo de-

pois de desaparecidas suas condições sociais de produção” (BOURDIEU, 1999, p. 51-53).

Outro conceito interessante oferecido por Pierre Bourdieu (1999) é o de violência simbólica: um modo de dominação suave, invisível, insensível, tácito, exercido cotidianamente sobre sujeitos conscientes, porém inconscientes de uma relação de poder específica, como a dominação de gênero ou de raça ou classe. A violência simbólica é exercida com o consentimento do/a dominado/a, sem coação externa, porque este/a internalizou (assim como o dominador) certas categorias de percepção/cognição da ordem social como correta e legítima.

O habitus feminino expressa, segundo Bourdieu (1999), uma impotência aprendida, que predispõe as mulheres a sofrerem violências físicas e simbólicas perpetradas pelos homens, desde o próprio lar. Em diferentes épocas e culturas os homens expressam mais agressividade mediante violência física direta do que as mulheres. Formas de violência individual ou estrutural, como o estupro e as guerras (alimentadas pelas ideologias do patriotismo e nacionalismo) são exercidas por homens (BOND, 2010). Reconhece-se que a resposta violenta individual é uma doença relacional, objeto de atenção psiquiátrica, que pode se manifestar como conflito (sem violência) e abuso (com violência). Opressões como o racismo (e a decorrente violência da escravidão), o sexismo (e a correspondente violência contra as mulheres) e o heterossexismo (e a decorrente violência homofóbica) são historicamente manifestações da dominação masculina.

A violência, portanto, tem sexo e gênero: masculino, tanto no que diz respeito aos perpetradores, quanto às vítimas, pois a violência masculina não é exercida apenas contra as mulheres. Os homens são majoritariamente os perpetradores e apenados; mas são também, sobretudo os jovens, as maiores vítimas da violência, graças às práticas machistas e de risco.

Os estudos epidemiológicos indicam que as duas principais causas externas de mortalidade masculina são o homicídio e o acidente de transporte, diretamente ligadas a símbolos de masculinidade no mundo contemporâneo: as armas, carros e motos, que exercem forte atração sobre os jovens e são oferecidas desde cedo aos meninos como brinquedos. Na cultura patriarcal/androcêntrica a violência é aprendida, legitimada e

reproduzida como expressão de masculinidade hegemônica, o jeito de ser homem mais valorizado. Segundo Lia Zanotta Machado (2004, p. 57), “a construção simbólica masculina articula-se em torno do desafio da honra da disputa entre homens e do controle das mulheres, e constitui grande parte das formas de violência masculina brasileira”.

Segundo Edinilsa Ramos de Souza (2005), no Brasil, de 1991 a 2000, as mortes de homens por causas externas (acidentes e violências) alcançaram 82,8%, sendo cinco vezes maior do que a taxa média observada para as mulheres; dos 15 aos 19 anos, os homens morrem 6,3 vezes mais e dos 20 aos 24 anos morrem 10,1 vezes mais do que as mulheres. No caso dos homicídios, a relação é de 12 óbitos masculinos para cada óbito feminino. A vulnerabilidade e o risco dos homens também são maiores no caso de violência não-letal, de acordo com dados das internações hospitalares por causas externas (agressão com uso de arma de fogo, objeto cortante e penetrante e força física): o sexo masculino, com predominância de adolescentes e adultos jovens, representou 84,5% dessas internações em 2000.

Cabe ressaltar que a maior parte dos jovens que comete ou sofre homicídio é composta por indivíduos com baixa ou nenhuma escolaridade e qualificação profissional, provenientes de famílias chefiadas por mulheres, com baixa renda, de cor negra ou parda, residentes nas periferias das grandes áreas urbanas. Vivendo em ambientes onde estão expostos à violência e carentes de oportunidades, envolvem-se em atividades informais, ilícitas e criminosas, como o narcotráfico.

Em suma, pode-se dizer que toda violência é violência de gênero, inclusive a violência homofóbica, bem como aquela desempenhada, por delegação da função patriarcal, por mães e professoras, como aponta Heleieth Saffioti (2002, p. 55-56).

Diferentemente do que se pensa com frequência, o gênero não regula somente as relações entre homens e mulheres, mas normatiza também relações homem-homem e relações mulher-mulher. Desse modo, a violência cometida por uma mulher contra outra é tão produzida pelo gênero quanto a violência perpetrada por um homem contra uma mulher.

As pessoas devem ser educadas para uma cultura de paz, o que coloca o desafio da mudança cultural. Os homens, especificamente, podem e

devem ser educados para não reproduzirem o habitus de gênero dominante e construïrem masculinidades não-violentas: esta proposta deveria ser foco de política social/educacional e uma das principais bandeiras feministas na educação. Para se criar um mundo mais justo e menos violento é preciso criar/educar homens-não-violentos, o que não é possível sem consciência feminista, considerando ademais que as mulheres são a grande maioria dos agentes da educação em casa e na escola.

De acordo com Bell Hooks (2000), o feminismo é para todos. Os homens devem ser incluídos como sujeitos do feminismo: é preciso mobilizá-los para desafiar a violência de gênero e catalisarem a mudança social, para porem fim à violência de gênero em suas próprias vidas, famílias, nas comunidades em que vivem e no mundo.

POLÍTICA EDUCACIONAL E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA A PARTIR DA ESCOLA

Originalmente, a educação escolar era concebida como processo de humanização, oposto à violência. Hoje são corriqueiros os casos de violência e bullying nas escolas, envolvendo sobretudo meninos. Em algumas escolas, alunos desaparecem durante o ano letivo porque são presos ou assassinados. Por outro lado, é comum encontrarmos uma postura de naturalização e tolerância dos comportamentos agressivos e violentos dos meninos na escola, associada à homofobia. Meninas agressivas e violentas são consideradas problemáticas, mas meninos não.

A política social não trata a prevenção das violências como uma questão educacional, desde a infância, reconhecendo a via de mão dupla entre violência social/cultural e violência escolar. Por sua vez, a política educacional e curricular não trata a prevenção da violência escolar como questão pedagógica, mesmo quando manifestações de violência afetam o trabalho docente e as condições para conviver e aprender em paz e segurança nas escolas. Lembramos que Bernard Charlot (2002, p. 442) argumenta que se a violência escolar “está vinculada ao estado da sociedade, às formas de dominação, à desigualdade”, também está vinculada “às práticas da instituição (organização do estabelecimento, regras de vida coletiva, relações interpessoais, etc.)” e “também às práticas de ensino cotidianas [...pois] é bem raro encontrar alunos violentos entre os que acham sentido e prazer na escola[...].”

Ademais, a questão da violência não é bem conhecida pelas educadoras e educadores em suas diversas manifestações e tipos (institucional, simbólica, verbal, psicossocial e física), nem discutida pedagogicamente, nem associada às relações de gênero. Há muita queixa sobre a violência social e aquela que se manifesta na escola de fora para dentro, ou quando vitima professores/as, como acima vimos nas falas dos/das internautas, mas há um grande desconhecimento sobre a produção da violência na escola, que decorre da naturalização, banalização e omissão pedagógica.

Constatamos que, em seus diversos tipos, a violência é reproduzida nas relações sociais/interpessoais no ambiente escolar. A escola ensina – frequentemente por omissão, portanto, corrobora e legitima – formas de convivência desrespeitosas, grosseiras (as chamadas incivildades), que constituem violência psíquica e simbólica. Presenciamos na escola meninos que se cumprimentam e interagem com xingamentos, empurrões, puxões, safanões. A violência verbal que ocorre na escola e inclusive na sala de sala, quase sempre, tem conotações sexuais (homofóbicas) e de gênero: “vou comer tua irmã...”; “filho de rapariga!”; “sapatão”; “veado”; “filho de chorno!”. Os estudantes são tanto os principais autores quanto as principais vítimas da violência, em maior número rapazes com dificuldades familiares, sociais e escolares (CHARLOT, 2002). As meninas sofrem menos violência física e mais violência simbólica e sexual (BLAYA; DEBARBIEUX; RUBI, 2003).

No Brasil, com raras exceções, é o caso de Castro e Abromovay (2004), os trabalhos que tratam da violência escolar não a articulam com a problemática das relações de gênero; já os estudos da violência de gênero são adultocêntricos, não abordam o campo escolar e, mesmo quando consideram as vítimas de pouca idade, como crianças e jovens, tendem a enfocar a violência doméstica.

Nos Estados Unidos, Sandy White Watson (2007) diz que poucos associam os tiroteios e mortes que têm ocorrido em escolas à problemática de gênero: atitudes e comportamentos associados à cultura da masculinidade (socialmente construída) que desencadeiam agressão e violência por parte de meninos brancos de classe média. A sociologia francesa tampouco tocava na questão de gênero ao enfocar a violência na escola (CHARLOT, 2002). Isso mostra que a crítica à naturalização do gênero, estreitamente

relacionada à naturalização/banalização da violência, não tem influenciado o pensamento educacional.

Precisamos, então, avançar na transversalização da questão de gênero na formação docente inicial e continuada e na prática escolar:

- problematizar as crenças essencialistas das educadoras e educadores que justificam a omissão ou intervenção coniventes com a ordem de gênero;
- desconstruir estereótipos sexuais e de gênero e o mito da fragilidade feminina;
- problematizar a hegemonia masculina — o conjunto de práticas e mentalidades materializadas na família, no governo, no militarismo e no capitalismo corporativista (CONNELL, 2005) — e seus efeitos perversos também para os homens, sobretudo o culto à violência;
- acolher múltiplas formas de masculinidade e feminilidade;
- valorizar os atributos femininos (a delicadeza, o cuidado, a compaixão, a expressividade corporal e emocional) como qualidades e valores humanos positivos, a fim de transformar a cultura androcêntrica;
- fortalecer a formação docente como uma estratégia de empoderamento das professoras, considerando que o magistério se feminizou e que muitas educadoras sentem-se impotentes para resolver os problemas de indisciplina e violência que surgem na sala de aula e na escola.

CONCLUSÃO

Argumentamos que gênero e violência são construções culturais e educacionais: aprende-se a se comportar, se auto-identificar e se valorizar como masculino (forte/dominante) ou feminina (frágil/dominada), de acordo com modelos e padrões culturais reproduzidos educacionalmente. Considerando a educação como um direito humano e o desenvolvimento humano como uma necessidade básica, podemos assumir a definição abrangente de violência como violação de direitos e necessidades, e considerar violência a divisão afetiva e prática entre sensibilidade e cuidado, atributos femininos, e a racionalidade insensível, supostamente masculina,

que tem governando o mundo e que tem sido imposta na e através da educação.

Nesse contexto, é imprescindível e urgente:

- pensar a violência a partir da consciência feminista;
- entender que não é possível prevenir e minimizar as violências sem um esforço educacional focado na cidadania, sobretudo na escola, a partir da sala de aula, no currículo formal e no currículo em ação.

Esse esforço educacional demanda:

- revisão da formação docente para incluir e priorizar a reflexão sobre as relações de gênero com base na teoria feminista;
- inclusão e transversalização de gênero na gestão, no currículo e na prática pedagógica.
- Emergencialmente, o currículo pode focar o desenvolvimento de competências interrelacionais e de resolução de conflitos.

Lembremos a missão da escola:

- ensinar a conviver e formar para a cidadania;
- promover uma cultura de paz.

Conforme argumentamos, isso não é possível sem:

- promover a equidade de gênero, especificamente os valores denominados femininos: gentileza, delicadeza, cuidado, diálogo, solidariedade e compaixão nas relações interpessoais;
- propiciar o aprendizado de formas de masculinidade não-violenta.

REFERÊNCIAS

- ALUNOS jogam lixeira em professora na grande São Paulo. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/03/alunos-jogam-lixeira-em-professora-na-grande-sp.html>>. Acesso em: 25 mar. 2013.
- BLAYA, C.; DEBARBIEUX, E.; RUBI, S. *Gender and violence in schools: are girls victims or aggressors?* Bordeaux, França: University of Bordeaux, 2003. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001467/146752e.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2013.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BOND, M. H. How good people, usually men, do bad things: culture and collective violence. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 9, n. 25, p. 142-219, 2010.
- CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 432-443, jul/dez 2002.
- CASTRO, M.G.; ABRAMOVAY, M. Marcas de gênero na escola: sexualidade, violência, discriminação – representações de alunos e professores. In: SILVEIRA, M. L.; GODINHO, T. *Educar para a igualdade: gênero e educação escolar*. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Especial da Mulher, 2004. p. 127-156.
- CONNELL, R. W. *Masculinities*. 2. ed. Berkeley: University of California Press, 2005.
- HOOKS, B. *Feminism is for everybody: passionate politics*. Cambridge, MA: South End Press, 2000.
- MACHADO, L. Z. Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. In: SCHPUN, M. R. (Org.). *Masculinidades*. São Paulo; Santa Cruz do Sul: Boitempo; Edunise, 2004. p. 35-78.
- SAFFIOTI, H. I. B. Conceituando o gênero. In: São Paulo (Cidade). Secretaria do Governo Municipal. *Gênero e educação: caderno de apoio para a educadora e o educador*. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003. Disponível em: <http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Documentos/BibliPed/Publicacoes2001_2007/GeneroEducacao.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2013.
- _____. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Labrys, Estudos Feministas*, n. 1-2, jul./dez. 2002. Disponível em: <http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys1_2/heleieth1.html>. Acesso em: 15 mar. 2013.

SOUZA, E. R. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 10, n. 1, p. 59-70, 2005.

WATSON, S.W. Boys, masculinity and school violence: reaping what we sow. *Gender and Education*, v.19, n. 6, p. 729-737, 2007.